

Dr. Robert A. Peterson, A Obra Salvadora de Cristo, Sessão 20, Conclusão, 6 Imagens da Obra Salvadora de Cristo e a Direção da Obra de Cristo

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre a obra salvadora de Cristo. Esta é a sessão 20, Conclusão, As 6 Imagens da Obra Salvadora de Cristo e a Direção da Obra de Cristo.

Estamos levando nossas palestras a uma conclusão.

Pensamos mais sobre os eventos salvadores de Cristo, e agora estamos resumindo pela última vez as seis principais imagens de sua obra salvadora, e acabamos de dizer que as imagens retratam a mesma realidade. Há seis maneiras diferentes de mostrar nossas necessidades e Deus usando seu filho para suprir nossas necessidades em seus eventos salvadores, especialmente sua morte e ressurreição. Mais uma coisa a dizer é que cada imagem é importante.

Antes de argumentar pela predominância de uma imagem, cada imagem é importante. Cada uma das seis imagens principais é notável. Certamente, a escritura contém mais de seis imagens da realização de Cristo.

John McIntyre, em *The Shape of Soteriology*, lista treze imagens. Resgate, redenção, salvação, sacrifício, propiciação, expiação, reconciliação, vitória, punição/penalidade, satisfação, exemplo e libertação. Embora eu não tenha certeza do número exato e combinaria alguns itens desta lista, seu ponto é bem aceito.

As Escrituras apresentam a obra salvadora de Cristo usando mais de seis temas. Quais são meus critérios para identificar as principais imagens? Reconhecendo a ajuda de Henri Blochet, tenho quatro. O número um é a aparência em todo o cânone bíblico com raízes no Antigo Testamento.

Dois, ocorrência em um bom número de passagens. Três, significância teológica. E quatro, reconhecimento em teologia histórica.

Usando esses critérios, concluo que há seis imagens principais. Meu ponto principal no momento é que cada uma dessas imagens é importante para obter uma boa compreensão da cruz e do túmulo vazio. Portanto, é um erro defender uma imagem minimizando a importância das outras, como vimos que muitas figuras na história da doutrina da expiação fizeram.

Para obter uma apreciação completa da obra de Cristo, precisamos explorar todas as seis imagens. Eu citaria o segundo Adão, Nova Criação, como a imagem mais negligenciada das seis na minha experiência tanto na academia quanto na igreja. Espero que essas palestras contribuam para corrigir essa negligência.

A substituição penal é fundamental. Embora cada imagem seja valiosa, e nenhuma deva ser ignorada, concluo que a substituição penal é fundamental para as outras. Aqueles que me ouvirem ler artigos nas reuniões anuais da Evangelical Theological Society ficarão surpresos com esta conclusão.

Naqueles artigos, eu considerava a substituição legal como um tema bíblico, mas em meus esforços para promover todas as seis imagens, questioneei se alguma delas era uma metáfora mestre. Não gosto dessa terminologia e qualificarei minha declaração, mas agora considero a substituição como fundamental para uma doutrina da obra salvadora de Cristo. Estou com ciúmes de sublinhar meu último ponto.

Todas as seis imagens são bíblicas e, portanto, importantes. É um erro defender uma imagem minimizando as outras, e é um erro ignorar qualquer uma das imagens. No entanto, após concluir o estudo dos eventos salvadores de Cristo e pensar consideravelmente nas imagens bíblicas, concluo que a substituição penal deve ser considerada fundamental.

Tenho nove razões para essa postura, que vou distribuir em quatro categorias. História redentora, imagens da obra de Cristo, proeminência e a direção em direção a Deus. História redentora.

Primeiro, um argumento pode ser feito a partir do fluxo da história redentora. Isaías 53 ensina substituição legal. Nos versículos 5 e 6, 10 a 12, Christopher escreve, as palavras são adequadas.

O sofrimento e a morte vicários de Jesus suportarão as iniquidades daqueles que, tendo pensado que ele estava sofrendo sob o julgamento de Deus por seu próprio pecado, agora percebem que foram, na verdade, nossas tristezas, transgressões, iniquidades e pecados que foram colocados sobre ele. A linguagem da substituição sacrificial e do carregar vicário do pecado percorre Isaías 53 inequivocamente. Além disso, Isaías 52:13 a 53:12 exerce uma influência poderosa sobre os escritores do Novo Testamento, como dissemos antes.

A segunda edição do Novo Testamento Grego da United Bible Society lista 41 passagens do Novo Testamento em seu índice de citações para Isaías 52:13 a 53:12. Direi que sua categoria para inclusão no Novo Testamento é o Novo Testamento. Segundo, embora Cristo preveja sua morte e ressurreição três vezes nos dois primeiros Evangelhos, em apenas um lugar ele interpreta seu significado no ditado de resgate de Marcos 10:45, em paralelo com Mateus 20:28. Como argumentei

anteriormente, esse ditado ensina tanto a redenção quanto a substituição penal. Eu, Howard Marshall, interpretando o ditado de resgate à luz de ditos semelhantes no Salmo 49 :7 a 9 e Marcos 8:37, concordo.

Citação: Jesus serve os homens dando sua vida como resgate a muitos. Marcos, sem dúvida, pretende que este dito seja visto no contexto de 8:37, onde a questão é levantada se um homem pode dar qualquer troca por sua vida. Por trás da questão também está o Salmo 49:7 a 9. Citação, verdadeiramente, nenhum homem pode resgatar a si mesmo ou dar a Deus o preço de sua vida, pois o resgate de sua vida é custoso e nunca pode ser suficiente, que ele deve continuar a viver para sempre e nunca ver o abismo, uma referência à morte.

O que o homem não pode fazer, Howard Marshall continua a escrever, foi feito por Cristo. Estamos certamente justificados em discernir aqui o pensamento da mortalidade humana como resultado do pecado humano e em ver na morte de Cristo o preço do resgate pago a Deus pela redenção da humanidade da morte. Terceiro, Hebreus 2:17, propiciação, e 9:23, o sangue de Cristo purificando o céu, constituem uma inclusão que ressalta a substituição.

Hebreus 2:7, onde menciona sua morte como propiciação sacerdotal, e Hebreus 9:23, que fala de seu sangue purificando o céu, constituem uma inclusão ensinando substituição. William Lane destaca o caráter substitutivo da autodoação do nosso grande sacerdote . Citação, a realização de propiciação pelos pecados exibe a principal preocupação do ofício do sumo sacerdócio com a reconciliação do povo com Deus.

O conceito implica sacrifício, e neste contexto, a obra propiciatória do Filho consistiu em dar sua vida pelos outros. Compare capítulo 2 versículos 10, 14, 18. Hebreus 9:23 ensina a verdade surpreendente de que o sacrifício de Cristo purifica o próprio céu.

Mais uma vez, ouça Lane. Citação, o sacrifício pleno, perfeito e suficiente de Cristo purificou o santuário celestial de uma contaminação resultante dos pecados do povo. O sacrifício superior exigido foi fornecido pela auto-oblação de Cristo.

Assim, no início de Hebreus 2:17 e depois 9:23, o autor faz fortes notas substitutivas. Ele pretende que entendamos Cristo, nosso sumo sacerdote, e sacrifício dentro dessa estrutura substitutiva — imagens da obra de Cristo.

A maioria das outras imagens da obra de Cristo inclui substituição legal. Quarto, portanto, embora a redenção seja mais do que substituição, ela a inclui. Nós mostramos isso para o ditado do resgate, Marcos 10:45. Nós acrescentamos Gálatas 3:13. Cristo nos redimiou da maldição da lei ao se tornar uma maldição por nós.

Graham Cole traz à tona a força substitutiva deste texto. Citando Cole em seu bom livro, *God the Peacemaker*, como a expiação traz shalom. Deus agiu em Cristo para lidar com a situação humana neste ponto.

O movimento divino é espantoso, pois uma grande troca ocorreu. Como Jeffrey, Ovi e Sack sugerem, “é difícil imaginar uma declaração mais clara da doutrina da substituição penal”.

Paulo está se baseando na linguagem do mercado. Um preço é pago para libertar um escravo, e o preço dessa redenção é insondável. Cristo nos redimiu da maldição da lei ao se tornar uma maldição por nós.

Quinto, a substituição penal é a base para a reconciliação. De acordo com 2 Coríntios 5:21, por nossa causa, ele fez pecado aquele que não conheceu pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus. Os três versículos anteriores mencionam a reconciliação.

Linda Bellville admite que a interpretação exata de Deus fazendo Cristo pecar no versículo 21 é difícil, mas insiste que a grande ideia é clara. Citação, se nossas dívidas não são lançadas em nossa conta, de acordo com o versículo 19, é porque outra pessoa as assumiu legalmente, assim como um bode expiatório fez no dia da expiação, Levítico 16, e a oferta pela culpa fez em outras ocasiões, Levítico 4 e 5. É por isso que Deus pode fazer aberturas de amizade para aqueles que são seus inimigos. Isso é reconciliação.

Se o ponto exato do pecado cometido, ela escreve, está perdido para nós, o impulso é claro. Cristo se identificou tão intimamente com a situação da humanidade que o pecado deles se tornou o pecado dele. Fechar citação.

Bellville tem um comentário sobre 2 Coríntios na série de comentários do Novo Testamento do IVP. Sexto, para minha surpresa, embora as escrituras falem muito sobre a guerra espiritual e apresentem o tema *Christus Victor* em várias passagens do Novo Testamento, quando contam como *Christus Victor* salva, elas subordinam seu tema à substituição legal. Em Colossenses 2:14.15 e em Apocalipse 5:5-9, ambos os quais examinamos.

Graham Cole está certo. *Christus Victor* precisa do poder explicativo da expiação substitutiva. Em Colossenses 2:14,15 e 2:14, nossa conta de dívida consistindo dos dez mandamentos aos quais assinamos nossa devoção e quebramos um lado e o outro, a conta escrita à mão nos condenando é pregada na cruz de Jesus.

Ele paga nossa dívida. E então imediatamente 2:15 diz que Deus em Cristo triunfa sobre os principados e potestades, fazendo uma exibição pública sobre eles. Ou seja, é porque há substituição penal que há vitória.

FF Bruce, eu não disse isso antes, FF Bruce sugere a conexão entre Colossenses 2:14.15. Quando os demônios veem, por assim dizer, nossa conta de dívida pregada na cruz de Jesus, eles uivam de alegria. Agora nós o pegamos. Ele está condenado, nosso inimigo.

Mas Deus vira a mesa sobre eles porque nosso substituto penal é o vencedor. E o fato de ele pagar a penalidade em nosso lugar vira a mesa sobre eles e eles são derrotados enquanto Deus atende às suas próprias demandas legais e, assim, despoja os principados e poderes de suas armas e de qualquer dignidade que eles tinham. A substituição penal é fundamental para Cristo como vencedor.

Vemos a mesma coisa em Apocalipse 5:5-9. João vê o leão da tribo de Judá que venceu ou triunfou, conquistou para abrir o livro. Ele conquistou pelo seu sangue, pela sua morte violenta. Mas então João olha novamente e não vê mais Cristo, o rei triunfante, mas Cristo, o cordeiro que faz expiação dando seu sangue como resgate para comprar pessoas, para comprar o mundo, o que, de acordo com Apocalipse 5:5-9, significa pessoas de todas as tribos, línguas, grupos de pessoas e localidades geográficas.

Sétimo, considero o tema propiciatório da substituição legal como fundamental para os outros, embora eu valorize cada um dos seis temas. Sétimo, o sacrifício é fortemente colorido pela substituição. Todas as passagens seguintes que tratam do contexto do Antigo Testamento para o sacrifício de Cristo ou seu sacrifício real implicam substituição.

Êxodo 12:13, Levítico 16, Isaías 53:10, Romanos 3:25, 8:3, Hebreus 2:17, 1 Pedro 2:24, 3:18 e Apocalipse 5:9. Quero deixar claro que não estou reduzindo redenção, reconciliação, Cristo como vencedor e sacrifício à substituição penal. Em vez disso, estou argumentando que quando os escritores bíblicos falaram da expiação de Cristo, não importa qual imagem eles estivessem usando, a substituição veio prontamente à mente. Ela está espalhada pelas outras imagens de uma maneira que sugere que é fundamental.

Proeminência, oitavo, a substituição legal é proeminente nas escrituras. Sua raiz afunda profundamente no solo do Antigo Testamento. Êxodo 12:13, Levítico 1:9, 2:1-2, 3:3 e 5:4, 29 e 31, Levítico 1:9, 2:1-2, 3:3 e 5:4, 29 e 31, Levítico 16:21 e 22, Isaías 53:5 e 6, e 12 a 10.

A substituição é proeminente no Novo Testamento. Romanos 3:25, 26, Romanos 8:1-4, 2 Coríntios 5:21, Gálatas 3:13, Colossenses 2:14, Hebreus 2:17, 1 Pedro 2:24, 1 Pedro 3:18, 1 João 2:2, 4:10 e Apocalipse 5:9. Meu nono argumento é que a propiciação constitui parte da direção divina da obra de Cristo. Nono, a substituição

penal é o aspecto mais importante da direção mais profunda da morte e ressurreição de Jesus, como argumento a seguir.

Direções da obra salvadora de Cristo. Lidamos muito com os nove eventos salvadores de Jesus. Exploramos por dentro e por fora as seis figuras que interpretam esses eventos.

Mas há mais. Uma maneira frutífera de considerar a realização salvadora de Cristo é interpretá-la em termos das direções para as quais ela aponta. Quando fazemos isso, descobrimos que ela aponta em três direções.

Em direção a Deus, chamaremos isso de direção ascendente. Em direção aos nossos inimigos, uma direção descendente. E em direção a toda a criação, os crentes incluíam uma dimensão horizontal.

A obra salvadora de Cristo é direcionada ao próprio Deus. Mais profundamente, a morte e ressurreição de Cristo são direcionadas a Deus. Incrivelmente, a obra de Cristo afeta a vida do próprio Deus.

Incluem-se aqui a substituição penal, o aspecto divino da reconciliação, a obra de Cristo como um aspecto do sacrifício, o motivo do segundo Adão e possivelmente a redenção. Substituição penal. A substituição é direcionada principalmente ao próprio Deus.

Deus propicia sua própria justiça ao suportar o peso de sua ira em Cristo. Como a substituição nos traz perdão, ela também tem uma direção horizontal. Uma direção descendente está implícita em Colossenses 2:14.15, onde a substituição impulsiona Cristo como vencedor.

Isso não deveria nos surpreender. Mesmo que os eventos sejam combinados e as imagens se sobreponham, as direções também se sobrepõem. É algo como dizer que, embora a teologia sistemática seja um empreendimento válido, toda escritura é inspirada por Deus e proveitosa para o ensino, a repreensão, a correção, a instrução e a retidão; a Bíblia não é um texto de teologia sistemática.

É um livro de histórias, certo, que pinta muitas imagens. Então podemos derivar teologia dele, mas devemos fazê-lo exegeticamente e com muito cuidado. Reconciliação.

A reconciliação ocorre em todas as três direções. Mais profundamente, Deus se reconcilia na morte e ressurreição de seu filho. Como resultado, os seres humanos são reconciliados com Deus junto com a criação.

Colossenses 1.20. Os inimigos de Deus são reconciliados entre aspas no sentido de serem subjugados. Colossenses 1:20.2:15. Sacrifício. Como vimos, os sacrifícios levíticos tinham a intenção de fazer expiação tanto pelo povo quanto pelo santuário.

Porque os pecados do povo o contaminaram, correspondendo a isso, Hebreus 9:22.23 ensina que a morte de Cristo purifica o próprio santuário celestial porque nossos pecados o contaminaram.

Nesse sentido, o sacrifício tem uma direção ascendente. Segundo Adão. Assim como a desobediência de Adão foi erguida em direção a Deus, assim também foi a obediência do segundo Adão.

Ele obedeceu ao Pai em todas as coisas. Redenção. Ponto de interrogação.

A Escritura nunca nos diz a quem o preço da redenção é pago. Seguindo meu próprio método sistemático, pelo menos às vezes consistentemente. Certamente, a visão do resgate a Satanás era equivocada.

Eu sempre resisti a deduzir uma direção para a redenção. John Stott toma a mesma direção em *The Cross of Christ*, página 175. Mas se eu fosse fazer isso, seria para Deus.

Seria dizer redenção, embora as escrituras não digam. Logicamente, teologicamente e logicamente, é direcionado ao próprio Deus. Claramente, há uma dimensão horizontal para as pessoas que são redimidas.

Então, a obra de Cristo é mais profundamente direcionada à vida do próprio Deus. Santo Anselmo estava certo. Que realização.

A obra salvadora de Cristo é direcionada aos nossos inimigos. É o gênio do tema *Christus Victor* que direciona a morte e ressurreição de Cristo para os nossos inimigos. A obra de Cristo encaminha o diabo, seus demônios, o mundo, corretamente considerado, a morte e o inferno.

Pelo menos dois outros temas têm um aspecto descendente. Pelo sangue da cruz de Cristo, ele reconcilia todas as coisas, o que no contexto inclui tronos, domínios, governantes e autoridades. Colossenses 1:16 e 20.

Cristo reconcilia os demônios subjugando-os, mantendo assim a paz em seu reino. Compare Colossenses 2:15. A redenção pode ser vertical, é certamente horizontal e tem conotações descendentes.

Somos libertos do domínio das trevas, Colossenses 1:13. E da escravidão aos princípios elementares do mundo, Gálatas 4:3. Este tema em Paulo é difícil de entender. Somos redimidos dos princípios elementares do mundo.

Paulo menciona isso mais de uma vez. Não tenho certeza. Fica confuso porque os princípios elementares às vezes parecem ter a ver com um judaísmo meritório aberrante e outras vezes com paganismo gentio.

Esqueci quem sugeriu isso, mas, como sempre, estou pegando as boas ideias dos outros e batizando-os, espero. Então, uma possível explicação dos princípios elementares deste mundo do qual Cristo nos redime é que ele representa o elemento demoníaco tanto no judaísmo aberrante quanto no paganismo grosseiro. A obra salvadora de Cristo é direcionada ao próprio Deus.

Ela é direcionada aos nossos inimigos. Além disso, a obra salvadora de Cristo é direcionada aos seres humanos e até mesmo à criação. Todos os temas da obra de Cristo pertencem aos seres humanos porque, como Deus disse a José, você o chamará de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles, Mateus 1:21.

As várias imagens são diferentes maneiras de expressar Jesus salvando seu povo. Reconciliação significa fazer a paz, e a morte e ressurreição de Cristo fazem a paz com Deus e depois com as pessoas. Na redenção, Deus compra os escravos humanos do pecado ao custo do sangue de Cristo.

A substituição legal propicia Deus e traz perdão aos culpados que creem. Cristo, a obra do nosso vencedor, é primariamente direcionada aos nossos inimigos espirituais, mas é horizontal no sentido de que nos livra de suas garras. Como o segundo Adão, Cristo obedece a Deus para restaurar a imagem de Deus em nós e glória e domínio para nós.

Cristo, nosso sacrifício, nos purifica com seu sangue. A criação é realmente uma chave. A dimensão horizontal da obra salvadora de Cristo inclui a criação.

As Escrituras predizem que haverá um novo céu e uma nova terra. Isaías 65:7-25. Isaías 66:22-23.

Mateus 19:28 quando Jesus fala da regeneração ou renovação de todas as coisas. Romanos 8:20-22. 2 Pedro 3:10-13.

Apocalipse 21 e 22. Dada a queda, por que haverá novos céus e uma nova terra? A resposta é por causa da cruz e do túmulo vazio. A obra de Cristo tem efeitos cósmicos.

Isto porque, citação, Deus se agradou de reconciliar consigo mesmo todas as coisas, tanto as da terra como as do céu, fazendo a paz pelo sangue da sua cruz. Colossenses 1:19 e 20. A obra de Cristo redime o mundo de Deus.

Pois, citação, a própria criação será libertada de sua escravidão à corrupção e alcançará a liberdade da glória dos filhos de Deus. Romanos 8:20-22. A substituição penal e as imagens do segundo Adão também desempenham papéis na libertação do cosmos porque, assim como a maldição foi uma penalidade legal imposta devido à desobediência de Adão, a remoção da maldição é um evento penal devido à obediência do segundo Adão.

Conclusão. Todas as três direções são importantes: para cima, horizontal e para baixo. A realização salvadora de Cristo, que se centra em sua morte e ressurreição, afeta Deus, os seres humanos, a criação e nossos inimigos espirituais.

A horizontal, a direção ou dimensão envolvendo a salvação dos seres humanos, é mais prevalente nas Escrituras do que as outras. As seis figuras envolvem dezenas de passagens que falam de Deus resgatando a nós pecadores por meio da obra do mediador. E algumas dessas figuras ensinam que, por causa da obra salvadora de Cristo, haverá novos céus e uma nova terra.

Argumentarei abaixo que essa dimensão, assim como a direção para baixo, é um derivado da para cima. A dimensão para cima direcionada a Deus é a mais fundamental e profunda. A obra de Cristo influencia a vida do próprio Deus.

Como nossos resumos mostraram, a iniciativa para a obra de Cristo pertence a Deus, a Trindade. Isso significa que Deus age por meio da cruz e do túmulo vazio para influenciar a si mesmo. Ele satisfaz sua justiça, reconcilia-se, fica satisfeito com a obediência do segundo Adão e purifica o céu.

Deus em Cristo afeta Deus. Isso é profundo por várias razões. Primeiro, reflete a grandeza da graça de Deus na iniciativa e na realização da salvação.

Esta história não foi concebida na Terra por seres humanos. Essa é minha compreensão da teologia cristã no seu melhor como um valor apologético. Este livro não nos foi dado meramente por homens.

Oh, é escrito por homens porque a inspiração da Escritura é um subconjunto da graça de Deus. Deus se comunicou aos pecadores por meio de seus próprios escritos, mas Deus se comunicou a eles, e homens santos de Deus escreveram conforme eram levados pelo Espírito Santo, 2 Pedro 1:20 e 21. Esta história não foi concebida na Terra por seres humanos.

Foi concebido no céu por Deus. Que tipo de religião mundial postula que Deus se torna um homem para morrer a fim de satisfazer as demandas de seu próprio caráter e, assim, salvar suas criaturas? Uma religião divinamente revelada, única e graciosa. A segunda razão é o mistério da própria encarnação.

Se não podemos entender completamente a encarnação, como entenderemos completamente a cruz e o túmulo vazio? Terceiro, o conceito de Deus entrando na aliança com Abraão e, eventualmente, conosco na nova aliança fornece uma estrutura para entender como os que guardam ou quebram a aliança influenciam Deus. Mas, no final das contas, confessamos que estamos fora de nossa profundidade tentando entender a influência de Deus por meio da cruz e do túmulo vazio de Cristo porque, embora Cristo seja um homem que guarda a aliança, ele também é Deus. Essas coisas estão além da compreensão.

Eles são demais para nós. O que faremos? Seremos muito gratos por eles. Este elemento ascendente é fundamental para os horizontais e descendentes.

Com a direção divina da obra de Cristo, as outras duas direções, sem a direção divina, as outras duas não existiriam. Elas são muito importantes, mas derivadas da influência da obra de Cristo sobre o próprio Deus. Porque Deus propicia a si mesmo, ele derrota nossos inimigos e resgata a nós e à criação.

Concordo com Sinclair Ferguson. Uma exposição bíblica abrangente da obra de Cristo reconhece que a expiação, que termina em Deus na propiciação e no homem no perdão, também termina em Satanás na destruição de seu domínio sobre os crentes. E faz isso precisamente porque faz os dois primeiros.

Não discordo, mas acrescentaria que a expiação termina no homem e em Satanás porque termina em Deus. Na minha terminologia, tanto o aspecto horizontal quanto o descendente dependem do aspecto ascendente. O descendente, *Christus Victor*, é um derivado da direção em direção a Deus.

Ferguson diz bem. Sua referência ao *Christus Victor* de Gustav Alain, o livro cujo título se tornou uma carta, um rótulo para essa visão da expiação, cito, a esse respeito, a visão de Gustav Alain era seriamente inadequada. Ele deslocou o motivo da satisfação penal pelo da vitória.

Mas como vimos nas escrituras, a satisfação da justiça divina, o perdão dos nossos pecados e a derrota de Satanás por Cristo não são mutuamente exclusivos, mas complementares. Cada um é uma dimensão essencial da obra de Cristo. Cada um é vital para a nossa salvação, e cada um fornece um aspecto da expiação a partir do qual os outros aspectos podem ser vistos com maior clareza e riqueza.

Além disso, esses aspectos são inter-relacionados no nível mais profundo. Para o Novo Testamento, o aspecto dramático da expiação, Christus Victor, envolve um triunfo que é garantido por meio da propiciação. Alain, portanto, falhou em reconhecer que, ao colocar a visão dramática contra a visão penal da expiação, ele inevitavelmente inervou a visão dramática de sua verdadeira dinâmica.

Conclusão da conclusão. Comecei essas palestras afirmando que a obra salvadora de Cristo é profunda, massiva e magnífica. Terminei da mesma forma.

A obra de Cristo é enorme. Vinte horas de palestra sobre esses eventos e as imagens bíblicas não esgotam sua obra salvadora. É profunda.

Ao dar ouvidos atentos à auto-revelação de Deus, podemos aprender muito, mas nosso conhecimento nos leva apenas até certo ponto. Não podemos compreender completamente a Encarnação. Como sondaremos as profundezas da cruz e do túmulo vazio? Entendemos em parte, e aguardando o dia em que entenderemos completamente, adoramos, servimos e testemunhamos.

O entendimento completo terá que esperar. Citação: Pois agora vemos como num espelho, obscuramente e obscuramente, mas então veremos face a face. Agora conheço em parte, e então serei plenamente conhecido, assim como também sou plenamente conhecido.

1 Coríntios 13:12. A obra salvadora de Cristo é magnífica. Ela agrada a Deus, salva os seres humanos e vence nossos inimigos. A morte e ressurreição de Cristo até mesmo libertam a própria criação.

Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim. É alto. Não posso alcançá-lo.

Salmo 139, versículo 6. Ó profundidade das riquezas, da sabedoria e do conhecimento de Deus, quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis são os seus caminhos. Pois quem conheceu a mente do Senhor, ou quem foi seu conselheiro, ou quem lhe deu um presente para que ele pudesse ser recompensado? Romanos 11:33 a 35. Amém.

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre a obra salvadora de Cristo. Esta é a sessão 20, Conclusão, As 6 Imagens da Obra Salvadora de Cristo e a Direção da Obra de Cristo.